

O TRABALHO E SUA INFLUÊNCIA NA SAÚDE DO IDOSO: ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Vanessa Mendes Fernandes (1)

Alex Figueirêdo da Nóbrega (2)

(1) *Faculdade de Ciências Aplicadas Doutor Leão Sampaio; vanessamendesf@gmail.com*

(2) *Faculdade de Ciências Aplicadas Doutor Leão Sampaio; alexfigueiredo@leaosampaio.edu.br*

(Orientador)

RESUMO

Considerando a atual importância do trabalho na vida humana e sua relação com a constituição da velhice como categoria etária, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a forma como o trabalho repercute na saúde do idoso, incluindo situações de afastamento. A discussão deste tema é relevante, tendo em vista que se verifica a necessidade crescente de entendimento sobre a velhice, considerando o envelhecimento populacional que está em progresso no Brasil e no mundo inteiro. Este trabalho caracteriza-se como um estudo bibliográfico que foi realizado no período de outubro de 2014 a maio de 2015. Como resultado da pesquisa, verificou-se a associação positiva entre trabalho e saúde em idosos e foi percebida a necessidade de se questionar a centralidade do trabalho na vida das pessoas, assim como que lugar assume aquele que não é considerado produtivo. Além disso, o idoso vive de maneira particular sua relação com o trabalho, o que requer atenção específica para suas necessidades, tendo em mente que a atividade laborativa é mais uma forma de produzir vida, mas não a única.

Palavras-chave: Trabalho, saúde, idosos.

ABSTRACT

Considering the current importance of work in human life and how it's related to the constitution of the old age as an age category, this article intend to think about the way like work reverberate in elderly people's health. The discussion about this issue is relevant because there is an increasing necessity to understand about old age, considering the ageing of the population that is in progress in Brazil and in the whole world. This article is a bibliographic study that began in October 2014 and ended in May 2015. As show the results, it was verified a positive relationship between work and health in old people's lives and it was realized the necessity to reflect on the central importance of work to human life and what happen with someone that is not productive. Besides that, the elderly people live in a particular way their relationship with work, what requires a specific attention for their necessities. It is important to think that working is just one way to produce life, not the only one.

Keywords: Work, Health, Elderly people.

INTRODUÇÃO

O trabalho exerce grande importância na sociedade atual, o que foi resultado de um percurso histórico que o transformou em construto central na vida dos sujeitos, através de ideologias acerca do mesmo, que foram se adaptando às necessidades mercadológicas e cobrando habilidades cada vez mais complexas do trabalhador.¹⁻³

A população idosa pode ser citada como grupo que é considerado inadequado para o ideal de trabalhador instituído, o que decorre das representações negativas ligadas à velhice, que continuam vigentes, principalmente no que se refere ao mercado de trabalho. No entanto, as representações também sofrem modificações de acordo com o contexto histórico-social, revelando a necessidade de transformação da imagem do idoso, que passa a dar ênfase a uma nova forma de vida, mais ativa.⁴

Como a construção da velhice foi perpassada em sua história pelas relações de trabalho e as expectativas frente ao mesmo⁴, é proposto aqui o objetivo de refletir sobre a forma como o trabalho repercute na saúde do idoso, incluindo situações de afastamento. A discussão deste tema torna-se relevante a partir do momento que se observa a necessidade crescente de entendimento sobre a velhice, considerando o envelhecimento populacional que está em progresso no Brasil e no mundo inteiro.

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo bibliográfico, desenvolvido, portanto, a partir de pesquisa de publicações acerca do tema aqui abordado, tendo sido conduzido seguindo as etapas adequadas, segundo Gil⁵, a este tipo de pesquisa: escolha do tema, levantamento bibliográfico, formulação do problema de pesquisa, busca de fontes, leitura e fichamento do material e redação do texto. O levantamento bibliográfico trata-se de desenvolver um estudo preliminar acerca de um tema, tendo como intuito torná-lo mais claro e familiar para o pesquisador, de modo a facilitar a formulação do problema de pesquisa.⁵ Este levantamento ocorreu no período do mês de outubro de 2014 e a leitura do conteúdo

encontrado possibilitou a formulação do problema e o amadurecimento das questões a respeito do tema.

No mês de novembro de 2014, foi realizada busca de fontes bibliográficas nos sites de pesquisa acadêmica Scielo e Google Acadêmico. Durante o período do levantamento bibliográfico e da busca de fontes, foi feito o fichamento dos materiais considerados adequados ao tema. As palavras-chave utilizadas foram: trabalho, inserção social, idosos, importância, produtividade, terceira idade e reinserção social. O único critério para seleção das fontes foi a relação de seu conteúdo com a discussão aqui proposta. Neste trabalho, foram utilizados como base artigos científicos, dissertações e livros. A redação do texto desta pesquisa ocorreu a partir do mês de dezembro de 2014 e teve sua finalização em maio de 2015.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os significados do trabalho e a construção da velhice como categoria etária

Na perspectiva que se tem atualmente sobre o trabalho está presente o que Bendassolli⁶ citou como sendo a centralidade do trabalho, referindo-se ao fato deste ter assumido uma posição essencial para os sujeitos ao tratarem de sua identidade. Para que se entenda a chegada até esta visão contemporânea, será exposto um pequeno recorte histórico, trazendo alguns dos significados assumidos pelo trabalho.

Na Antiguidade, eram consideradas formas de trabalho apenas atividades envolvendo o esforço físico realizado pelos escravos, sendo desvalorizado pelos pensadores greco-romanos em detrimento do exercício intelectual através da atividade política.¹ Já na Idade Média, havia duas visões opostas em relação ao trabalho, pois este era visto tanto como um ato voluntário e racional do homem, quanto como uma obrigação. No Renascimento isto se modifica e o trabalho passa a ser concebido como um processo criativo.⁶

Após o Renascimento, a industrialização marca o surgimento da ideologia de valorização do trabalho pelo capitalismo, período no qual se elabora a mudança de sujeito religioso para sujeito de trabalho, iniciando o processo de criação da

centralidade do trabalho.⁶ O humano passou a ser mais estreitamente associado a este, no que se refere ao campo subjetivo, por influência das ideias de Adam Smith, pelo ideal de homem protestante e pelo pensamento de Marx.

O economista Adam Smith desenvolveu em suas obras ideias que caracterizavam o ser humano através do que este vivencia em relação à economia. A denominação *homo economicus* demonstra tal associação e suas principais características seriam atitudes pautadas no interesse individual e o estabelecimento de relações no mercado de trabalho baseadas unicamente na busca por vantagens.⁷

As ideias de Smith asseguram o caráter econômico do humano, mas não apenas dele, pois foi a partir de suas contribuições que o próprio trabalho passou a ser entendido como algo do campo da economia, deixando de ser apenas um meio para o sujeito religioso alcançar determinados fins morais. Smith fez emergir o aspecto abstrato do trabalho, pois este passou a ser associado ao valor que produzia e, além disso, se fortaleceu enquanto aspecto ligado à identidade humana.⁶

Como fator para sustentação da ideologia de valorização do trabalho, as ideias protestantes contribuíram para o desenvolvimento da associação entre o esforço ao trabalhar e o recebimento de bênçãos divinas, atribuindo ao trabalhador a responsabilidade pelo seu sucesso.¹ Para Bendassolli⁶, é em parte uma herança do protestantismo que o trabalho esteja vinculado à conquista da dignidade humana e do valor pessoal. Posteriormente, Marx apresenta o pensamento de que o trabalho deve ser o centro da existência humana e fonte de sentido para a vida, além de retomar, em certa medida, o caráter criativo presente no Renascimento.⁶

O que se pode observar é que Marx traz uma nova perspectiva, na qual o trabalhador constitui sua identidade a partir do que produz, o que requer a superação de uma atividade que seja exploradora e passiva. No entanto, isto não impediu que os trabalhadores fossem controlados através de formas de organização da produção extremamente exploratórias.¹

A partir do século XX, ocorre um processo mencionado por Bendassolli⁶ como sendo uma dispersão semântica dos significados do trabalho, de maneira que, se

alimentando de ideias de cada momento histórico que o antecede, neste período há ainda o trabalho como dever, criação, valor de troca, instrumento para consumo, meio de sobrevivência e de promoção de qualidade de vida, todos coexistindo. Isto, segundo o autor, faz do trabalho algo ainda mais complexo do que já foi.

À medida que foram descritos os diversos significados assumidos pelo trabalho, surge a hipótese de que para cada modelo de trabalho há um modelo de trabalhador correspondente. Esta ideia ganha base, por exemplo, quando Borges e Yamamoto¹ elegem o fim do século XX como um período de sofisticação da cobrança do trabalhador, devido a um conjunto de características que se tornaram essenciais em suas tarefas, como criatividade, saúde e autonomia. Este, como foi citado anteriormente, foi exatamente o período em que o trabalho ganhou maior pluralidade e complexidade em seus significados, demonstrando uma possível associação entre estes fatos.

Também são cobradas do trabalhador velocidade, qualidade e competência², além de se exigir qualificação através da aquisição de conhecimento, de maneira a tornar o trabalhador flexível para exercer diferentes funções³. Segundo Pitta¹, em 1996, existe, portanto, um ideal de trabalhador instituído e devido a este modelo de trabalhador, inalcançável para alguns, necessariamente, há um número crescente de pessoas que são excluídas das relações de trabalho, não encontrando meios viáveis de adaptação.⁸

Dentre os que estão nessas condições podemos citar a população idosa, que sofre com o preconceito em relação à velhice, naturalizada pela associação entre envelhecimento e doença.⁹ O envelhecimento, na verdade, não foi apenas influenciado pela lógica capitalista de lidar com o trabalhador, mas teve toda sua construção permeada por interesses e valores deste sistema, o que repercutiu em suas definições, denominações e representações atuais.

*Pitta A. organizadora. Reabilitação psicossocial no Brasil. São Paulo: Hucitec; 1996 apud (8).

Toda a construção histórica dos significados atuais do trabalho o fez se tornar mais abrangente, com múltiplos aspectos a serem discutidos, no entanto, sua valorização e sua centralidade permaneceram. Além disso, o ideal de trabalhador se tornou tão complexo quanto o próprio conceito de trabalho, excluindo aqueles que não se adequam a um padrão de produtividade e não possuem uma variedade de competências.

Pode-se perceber, a partir deste recorte histórico, que as concepções a respeito do ser humano se modificam junto àquelas que se desenvolvem a respeito do trabalho, então, se o trabalho é uma referência para as explicações sobre como é o humano, há que se pensar em que posição se encontram os sujeitos que estão à margem da vida produtiva exigida nos dias atuais. Considerando os idosos como população comumente excluída do ideal produtivo, é importante que se explore de forma mais detalhada a maneira como o trabalho influenciou a criação da velhice enquanto categoria etária.

Hoje, esta etapa da vida se torna cada vez mais discutida devido ao envelhecimento populacional que ocorre no Brasil e em todo o mundo. Neste país, o Censo de 2010 apresenta que a população idosa já atinge mais de 20 milhões de pessoas, o equivalente a cerca de 10% da população.¹⁰

Cada definição, ou sequer uma opinião emitida a respeito do envelhecimento, relaciona-se a uma representação que se tem deste processo. Almeida e Cunha¹¹, ao realizarem pesquisa com 210 educadores, dentre eles 30 educadores de idosos, obtiveram como resultado que a representação social da velhice gira em torno do que não se consegue mais fazer neste período, remetendo, portanto, às atribuições do adulto, sendo que este é a referência para todas as outras fases do desenvolvimento.

Isto ocorre devido à valorização de características atribuídas à vida adulta como produtividade pela inserção no mundo do trabalho e responsabilidade pelos membros da família, o que corrobora com os dados apresentados por Moreira¹², em entrevista com dez idosos, nos quais foi encontrada a associação entre ser “velho” e

não ter mais capacidade de trabalhar. Em pesquisa realizada por Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo¹³, observa-se, de maneira geral, a associação entre envelhecimento e abandono/apoio familiar, não reconhecimento do próprio corpo, não-trabalho e rejeição devido a este último, aquisição de experiência, assim como, por outro lado, o envelhecimento é visto como uma fase da vida em que há um lado positivo e outro negativo.

Como a velhice surgiu como categoria social apenas entre os séculos XIX e XX, foi neste período que os saberes científicos sobre esta fase da vida começaram a ser elaborados. Tanto na área da psicologia como na medicina, consistiam, inicialmente, em caracterizar o envelhecimento como um processo de declínio e, mesmo após a modificação do posicionamento teórico destas duas ciências, esta foi a imagem que permaneceu.^{11,4} Silva⁴ apresenta, como os dois principais fatores para o surgimento da velhice, os saberes científicos e a institucionalização da aposentadoria, sendo este último o marco para o surgimento da associação entre velhice e invalidez, e também incapacidade. Ao mesmo tempo, contribuiu para seu reconhecimento enquanto categoria independente e detentora de direitos.

Como pode ser visto, o pensamento que baseia as ciências e os sistemas de aposentadoria concordam ao enxergar o envelhecimento como um processo negativo e indesejável. Posteriormente, passam a concordar novamente, quando há um esforço do campo científico em transformar a velhice em uma categoria positiva e ativa.⁴ Ainda segundo Silva⁴, é neste contexto que surge a terceira idade, carregando esta nova visão, vinculada a uma imagem mais adequada à classe média, que também passa a ter direito à aposentadoria. A mesma autora relata as contribuições da gerontologia social na inversão das representações vinculadas à velhice, sem deixar de citar, no entanto, que seu discurso cabia perfeitamente ao apelo de consumo que afetava o novo perfil de aposentados.

A mudança nas denominações também tem seu papel nesta transformação da imagem do envelhecimento, e o termo “idoso” passa a substituir “velho”.⁴ Sendo que este último costuma ser considerado pejorativo, trazendo consigo uma

representação negativa que está ligada a características como inutilidade, inadequação e falta de lucidez, em detrimento de “idoso”, que se relaciona a uma visão do sujeito como alguém que adquiriu qualidades e conhecimentos a partir do que viveu.¹²

É nesta perspectiva que a Organização Mundial de Saúde (OMS) propõe o conceito de envelhecimento ativo, que tem dado base para a elaboração de políticas voltadas para o idoso. Este conceito refere-se ao processo de conhecer os potenciais e tornar possível a qualidade de vida dos idosos, incluindo a preocupação não somente com o estado físico, mas com a saúde de maneira geral. O pensamento que lhe dá base é o de que a sociedade deve, através da cooperação entre gerações, proporcionar autonomia para esta parte da população, assim como reconhecer seus direitos.¹⁴ Este conceito é importante para a desconstrução de estereótipos, mas como foi observado pelos relatos anteriores, os termos, conceitos, definições, têm sua dimensão social e política que também devem ser levadas em consideração, pois têm significados a partir do contexto em que se inserem.

Como exemplo disso, tem-se a discussão de Both¹⁵ sobre a velhice enquanto construção social, na qual a autora ressalta que, na realidade brasileira, as visões sobre uma velhice ativa ou inativa não estão desvinculadas da discussão sobre a crise previdenciária, onde existe a preocupação de que os idosos, quando considerados inativos, superem a quantidade de pessoas ativas. A partir disso, observa-se, mais uma vez, o atravessamento do trabalho na vivência da velhice, assim como, a partir do que foi citado, ocorreu em seu surgimento enquanto nova categoria etária, na formação de suas representações iniciais e na nova visão que vem sendo construída desde o aparecimento da terceira idade. Dessa forma, enquanto reflexão, emerge a hipótese de o trabalho ter uma influência particular na saúde do idoso, como teve historicamente nos outros aspectos do envelhecimento.

Trabalho e saúde na velhice

Após o entendimento de como velhice e trabalho se relacionam estreitamente na constituição da mesma e na transformação de suas representações, será abordado como esta relação influencia a saúde do idoso. Para tanto, serão mencionadas pesquisas que verificam tal relação, permitindo a discussão sobre a mesma.

Em entrevista com 583 idosos, identificou-se que sintomas depressivos estavam mais presentes nos sujeitos sem trabalho remunerado, pois estes têm maior tendência de se sentirem sem utilidade.¹⁶ Já em estudo realizado em 10 municípios brasileiros, sobre o caso de 40 homens que cometeram suicídio, foi apontado que mais da metade da amostra teve problemas para adaptar-se a modificações envolvendo o trabalho.¹⁷ Em estudo com mais de quatro mil idosas de regiões metropolitanas do Brasil, foi encontrada associação positiva entre trabalhar e ter melhores condições de saúde.¹⁸

A partir das pesquisas citadas, encontra-se uma associação bastante particular entre velhice e trabalho, considerando os vários fatores envolvidos neste processo. A presença de trabalho parece relacionar-se à saúde, realização pessoal e sentimentos positivos, enquanto sua ausência foi associada a prejuízos à saúde, sentimentos negativos e suicídio.¹⁶⁻¹⁸

Após estas evidências, que reafirmam o valor do trabalho para o ser humano na constituição de sua saúde, existem discussões que devem ser feitas a respeito, por exemplo, da centralidade do trabalho na vida dos sujeitos e dos limites trazidos pelos benefícios desta concepção, à medida que o sujeito se vê adoecido devido a seu afastamento. Deve-se questionar que outras possibilidades de vida estão sendo negligenciadas ao se colocar esta atividade específica como principal meio de realização, fazendo com que o idoso alcance sua aposentadoria sem perspectivas.

Além disso, é importante que se discuta que lugar assume o sujeito que é considerado improdutivo. Talvez, este seja um risco que corre a sociedade ao tornar a produtividade como único caminho que o ser humano encontra, ou vê a possibilidade de encontrar, a sua satisfação, seu bem-estar e sua saúde.

CONCLUSÃO

A partir da realização desta pesquisa, verificou-se que a imagem positiva e central assumida pelo trabalho foi construída historicamente e repercutiu de maneira direta nas representações acerca da velhice, o que faz com que envelhecimento e trabalho devam ser discutidos em sua relação.

Desta discussão que surge a partir dos dois temas, verificou-se a associação positiva entre trabalho e saúde em idosos, a qual não deve ser encarada como categórica e generalista, mas como uma constatação da necessidade de se questionar a centralidade do trabalho na vida das pessoas, assim como que lugar assume aquele que não se encontra no ideal produtivo de vida.

Dessa forma, compreende-se que apesar de o trabalho exercer um papel inegavelmente positivo na vida dos sujeitos, torna-se necessário pensá-lo como mais uma alternativa de se produzir vida. Além disso, o idoso vive de forma particular sua relação com o mesmo e isto requer atenção específica para suas necessidades, seja enquanto trabalhador ou aposentado, seja adaptando suas formas de produzir, ou, ainda, dando espaço também para os que necessitam de quietude, sem que, no entanto, se produza um retrocesso a antigas representações negativas do envelhecimento.

REFERÊNCIAS

1. Borges LO, Yamamoto OH. O mundo do trabalho. In: Zanelli JC, Borges-Andrade JE, Bastos AVB. Psicologia, organizações e trabalho no Brasil. Porto Alegre: Artmed, 2004. Reimpressão 2009. p.24-62.
2. Frigotto G, Ciavatta M. Educar o trabalhador cidadão produtivo ou o ser humano emancipado?. Trab. Educ. Saúde. 2003 Mar;1(1):45-60. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462003000100005>.

3. Goulart IB, Guimarães RF. Cenários contemporâneos do mundo do trabalho. In: Goulart, Iris Barbosa. Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos. 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p.17-36.

4. Silva LRF. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. Hist. cienc. saúde-Manguinhos. 2008 Mar;15(1):155-168. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702008000100009>.

5. Gil AC. Como delinear uma pesquisa bibliográfica? In: Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa? 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.p.59-86.

6. Bendassolli, PF. Construção do campo do trabalho no pensamento ocidental como condição para a emergência da Psicologia do Trabalho. In: BENDASSOLLI, PF. Psicologia e trabalho: apropriações e significados. 1.ed. São Paulo: Cengage Learning; 2009. p. 1-34.

7. D'Elia VV. El Sujeto Económico y La Racionalidad en Adam Smith. Rev.econ.inst [Internet]. 2009 Dez [acesso em 2015 Abril 5];11(21):37-43. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-59962009000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Abr. 2015.

8. Hirdes A. Autonomia e cidadania na reabilitação psicossocial: uma reflexão. Ciênc. saúde coletiva. 2009 Fev.;14(1):165-171. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000100022>.

9. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Introdução. In: Brasil. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa, Caderno de Atenção Básica, n.19 [internet]. Brasília; 2007. [Acesso em 2014 Jul 22]. Disponível em: <<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/abcad19.pdf>>.

10. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2012. [Acesso em 2014 Dez 19]. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>.



11.Almeida AMO, Cunha GG. Representações sociais do desenvolvimento humano. *Psicol. Reflex. Crit.* 2003;16(1):147-155. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722003000100015>>.

12.Moreira MMS. Trabalho, qualidade de vida e envelhecimento [dissertação]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 2000. [Acesso em 2014 Dez 14]. Disponível em <<http://arca.icict.fiocruz.br/handle/icict/4877>>.

13.Veloz MCT, Nascimento-Schulze CM, Camargo BV. Representações sociais do envelhecimento. *Psicol. Reflex. Crit.* 1999;12(2):479-501. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721999000200015>.

14.Organização Mundial de Saúde (OMS). Envelhecimento ativo: uma política de saúde [Internet]. Brasília; 2005. [Acesso em 2014 Dez 19]. Disponível em <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf>.

15.Both TL. Jubilamento: o interdito de uma vida de trabalho e suas repercussões na velhice [dissertação] [internet]. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2004. [acesso em 2014 Dez 09]. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/5817>>.

16.Gazalle FK, Lima MS, Tavares BF, Hallal PC. Sintomas depressivos e fatores associados em população idosa no Sul do Brasil. *Rev. Saúde Pública.* 2004 Jun;38(3):365-371. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102004000300005>.

17.Minayo MCS, Meneghel SN, Cavalcante FG. Suicídio de homens idosos no Brasil. *Ciênc. saúde coletiva.* Out 2012;17(10):2665-2674. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012001000016>.

18.Giatti L, Barreto SM. Trabalho feminino e saúde na terceira idade. *Ciênc. saúde coletiva.* 2002;7(4):825-839. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232002000400016>.